

**A EMERGÊNCIA DE DIFERENTES ÁREAS DO SABER NAS
PESQUISAS SOBRE LINGUAGEM***

Marymarcia GUEDES (UNESP / Araraquara)

ABSTRACT: In spite of the conveyed reality remains the same, the difficulties of translation from language one to language two result from the fact that the conceptual mapping is different in distinct languages. Similarly the linguistic field researches are related to other knowledge areas - mainly the Anthropology - trying to find in it the theoretical support in order to understand to communicative processes wich happen within a society.

Pretendo fazer aqui uma breve apresentação de um trabalho prático onde a intersecção entre áreas afins é necessária para dar conta dos fatos como eles se mostram. Começo minha fala fazendo primeiramente uma referência à tradicional interdisciplinaridade existente entre a Lingüística e a Antropologia presente no estruturalismo tanto europeu quanto americano.

Em um trabalho intitulado A Linguagem comum dos Lingüistas e dos Antropólogos, Roman Jakobson coloca a seguinte questão: o que podemos dizer da linguagem quando nada sabemos das significações?

Para responder à ela, o autor demonstra que a Lingüística está estreitamente ligada à Antropologia Cultural, já que esta ao analisar uma sociedade precisa descrever todos os sistemas simbólicos que a comunidade possui e conseqüentemente a linguagem enquanto parte integrante do sistema social no qual está inserida.

Embora reconheça a supremacia da linguagem verbal no conjunto dos demais signos, o autor mostra que ambas as ciências (Lingüística e Antropologia) se complementam quando tratam da linguagem e da cultura.

Por sua vez, Claude Levi-Strauss interpretou a sociedade subsidiado

* Este trabalho foi apresentado na palestra de encerramento "A emergência de diferentes áreas do saber nas pesquisas sobre a linguagem"

pela teoria geral da comunicação a qual engloba a Antropologia Social, a Economia, a Lingüística e a Semiótica. Em sua concepção, a sociedade se organiza na comunicação que opera em três níveis: comunicação de mensagens; comunicação de utilidades (bens e serviços); comunicação dos parceiros sexuais. Uma vez que as mensagens verbais analisadas estão ligadas à comunicação de mensagens não-verbais ou à troca de bens ou de pares sexuais, a investigação lingüística deve ser contemplada por um estudo antropológico e semiótico mais abrangente.

A linguagem enquanto elemento constitutivo da cultura é, em relação ao conjunto dos fenômenos culturais, o de veículo de comunicação e como tal é manifestamente mais fácil de abstrair dos outros aspectos culturais. Tanto para R. Jakobson quanto para C. Levi - Strauss a linguagem é o elemento comum e o objeto de estudo a ser considerado em primeira instância na compreensão de qualquer cultura. A Lingüística é, então, a ciência mais abrangente e mais necessária para o conhecimento daquela e deveria estar presente na formação dos antropólogos.

Para o antropólogo Bronislaw Malinowski, por exemplo, ao se especificar o sentido de um enunciado, é preciso fazer referência ao contexto situacional e cultural em que esse enunciado ocorre. A linguagem seria, portanto, portadora não só do sentido, mas também uma forma de ação e como tal entra dinamicamente nas situações em que ocorre. Assim o significado de uma palavra ou frase equivale ao conhecimento do contexto particular (situacional) em que aquelas são utilizadas.

Na América, foi Franz Boas o primeiro a se importar com aquilo que a língua, nas suas mais diversas manifestações, tinha a dizer sobre a sociedade; isto é, demonstrou a importância e a necessidade do acesso do pesquisador à língua com a qual trabalha, a fim de poder por ela recolher e entender as tradições, os mitos, todas as atividades mentais e sociais de seus interlocutores.

Com ele formou-se Edward Sapir para quem o estudo de uma língua se torna cada vez mais indispensável enquanto guia para o estudo científico de uma dada cultura. Neste sentido, o entrelaçamento dos padrões culturais de uma civilização está evidenciado na língua em que tal civilização se expressa.

As atividades interdisciplinares do início desse século foram extremamente positivas para o desenvolvimento dos estudos relativos às línguas ameríndias tendo sido o desenvolvimento do estruturalismo tanto descritivo quanto funcional que propiciou uma base teórica sólida e preciosa para o estudo das culturas e sobretudo das línguas autóctones americanas.

Se a Lingüística tem um lugar na Antropologia de Levi-Strauss, Malinowski, Boas e Sapir, por exemplo, no que se conhece como Antropologia Cultural, Etnografia e Antropologia Lingüística; pergunto, então, qual é o lugar da Antropologia na Lingüística e conseqüentemente na Lingüística Antropológica ou Etnolingüística principalmente no Brasil?

Se aos antropólogos coube descrever, entender e explicar as sociedades e em se tratando das minoritárias preocuparam-se com a linguagem verbal incorporando-a como um elemento integrante e ativo do patrimônio cultural e social do grupo, dando-lhes um status particular em relação às demais formas de interação social; os caminhos percorridos pela Lingüística Antropológica e/ou Etnolingüística não foram os mesmos percorridos pelas suas parceiras: a Antropologia Lingüística e/ou a Etnografia.

As línguas indígenas brasileiras são pouco conhecidas e a maioria delas carece de estudos mais pormenorizados que dêem conta dos diversos níveis estruturais dos sistemas lingüísticos: o fonológico, morfológico e sintático. Poucos são ainda os trabalhos voltados para as tradições orais (histórias e mitos) também.

Alia-se à essa assistemática no conhecimento das estruturas de muitas das línguas indígenas brasileiras a quase inexistência de trabalhos que contemplem os aspectos semânticos, pragmáticos, discursivos e a dimensão social daquelas línguas seja para o grupo que as fala, seja para o meio no qual elas estão inseridas.

Todo lingüista que realiza pesquisas de campo com as comunidades indígenas reconhece que o meio para descrever e explicar os fenômenos observados nas interações sociais é a língua, além de ser esta o seu objeto primeiro de estudo. Entretanto, o pesquisador sabe também que na

maioria das vezes terá que fazer um outro trabalho se quiser entender pelo menos em parte a cultura e/ou a língua que está analisando.

As comunidades indígenas têm, em sua maioria, exigido já a algum tempo uma outra postura do lingüista; qual seja, que ele tome parte ativa nos programas de alfabetização requeridos pela comunidade. Esses programas podem contemplar, no que tange às línguas, o ensino/aprendizagem apenas do português ou do português e da língua materna. Não importa em qual das duas situações lingüísticas o grupo se insira, importa que em qualquer dos casos o lingüista antes de tudo precisa compreender as relações que a comunidade estabelece com a sociedade não índia e quais as relações internas do grupo são pertinentes para a escolha das línguas a serem trabalhadas na escola.

Para ilustrar, um caso: os Ofayé

E: Você fala Ofayé mais com os velhos ou com os mais novos?

I: Falo com os velhos e com os mais novos também. Geralmente as crianças usam o Português quando elas estão brincando. Antigamente o idioma Ofayé era muito mais entendido, parece que era mais puro, era mais explicado. Atualmente os Ofayé falam o idioma Ofayé mas só que muitas palavras eles não falam direito. Falo com os velhos, com minha sobrinha e ela fica animada quando falo em Ofayé e quando ela entende ela responde em Português.

E: Como é que você acha que a gente aprende uma língua?

I: Eu acho que é através do interesse, por vontade de aprender.

E: Na aldeia tem muitos velhos que falam o Ofayé e as crianças aprenderam só o Português. Porque?

I: É. Isso é um pouco as mães, né; que ensinaram só o Português. ... A educação precisa cuidar do ensino do Ofayé. É importante. Isto vai fazer as pessoas mudarem de opinião a respeito da língua. As pessoas que não falam, ao aprenderem o idioma vão sentir dentro de si que é índio. Se a pessoa continua só falando português, ele vai ser uma pessoa diferente de nós.

E: Aqui tem bastante Kaiowá, não é? Você sabe se eles falam o Guarani em casa?

I: Falam, falam. Geralmente eles falam Guarani mesmo entre

eles...Agora o que eu tenho reparado nessa reunião entre Ofayé e Kaiowá é que o Sr. X (Kaiowá casado com Ofayé) tem um gurizinho e eu acho que ele sabe falar Guarani. A mãe é Ofayé e ele não sabe falar em Ofayé. Acho que ele não está falando uma palavra em Ofayé. Isso é muito ruim...Agora ela (a mulher do Sr. X) fala muito bem as três línguas: o idioma do marido dela: o guarani, o Ofayé e o Português.

E: E nas reuniões da Igreja no domingo, os Kaiowá falam o Guarani?

I: Eles falam o Guarani e o Português... Agora com os Ofayé eles falam Português.

E: É mais fácil traduzir do Português para o Ofayé ou do Ofayé para o Português?

I: É mais difícil traduzir do Português para o Ofayé. É porque tem certas palavras em Português que não dá para traduzir em Ofayé. Por exemplo: sociedade. Não tem sentido. Não. Poderia ter, mas só que não tem jeito.

E: Como era a aldeia antiga? Morava um perto do outro? Como era?

I: Sempre moramos assim, né?

E: Assim como!

I: Meio longe. ...Cada um construía seu ranchinho. ...Não tinha aldeia.

E: E quando iam construir o rancho, alguém podia construir perto do outro?

I: Não. Sempre longe.

E: E se uma família precisava de um rancho. Todos ajudavam a construir?

I: Não. A família constrói sozinha. É o que nós fazemos até hoje. Cada um constrói o seu e cada um cuida da sua roça também.

Para se entender, por exemplo, como a escola passa a ter a “obrigatoriedade” de ensinar o Ofayé ou a dificuldade na tradução de

termos como sociedade é preciso que se situe esses diálogos num contexto mais amplo, que não se refere ao lingüístico.

Em 1989 tive meu primeiro contato com o grupo que estava acampado num lugar denominado por eles de Acampamento Indígena Ofayé às margens do Rio Paraná. Lá moravam 15 pessoas, sendo que destas apenas uma mulata não falava a língua. Além deles viviam nas fazendas vizinhas outros Ofayé trabalhando como bóias-frias num total de 29 pessoas entre crianças e adultos.

O primeiro grupo era composto dos remanescentes levados em 1978 para a Bodoquena pela FUNAI, os demais como naquela ocasião já moravam nas fazendas permaneceram na região.

Neste primeiro contato pude observar que os que estavam nas fazendas não ensinavam o Ofayé para seus filhos sob a alegação de que de nada adiantava saber a língua pois o que valia era saber o Português para poderem trabalhar e sobreviver.

A atitude negativa em relação ao Ofayé, gerando uma situação de conflito pela não aceitação e não valorização da língua foi abandonada por estas mesmas pessoas a partir do momento em que eles se juntaram ao grupo do Acampamento indo todos viver num outro lugar: a aldeia Enodi. Ali eles construíram uma escola para que as crianças fossem alfabetizadas em Ofayé e Português e foi para lá também que os Kaiowá casados com mulheres Ofayé se mudaram. A partir de Março do corrente ano passaram a ocupar uma terra comprada para eles pela CESP.

A mudança de atitude em relação à língua, a sua valorização e revitalização positiva acontecem provocadas por fatores intrínsecos e extrínsecos à comunidade.

Extrinsecamente porque vêm na escola o instrumento capaz de lhes propiciar um aprendizado “mais rápido” da língua que eles abandonaram, recuperando assim parte da identidade “esquecida”.

A escola também lhes proporciona a possibilidade de verem sua língua grafada colocando-os, neste sentido e num primeiro momento, em pé de igualdade com os Kaiowá que possuem cartilhas e livros em sua língua materna.

Os atributos sociais ligados à língua Ofayé incluem a homogeneização e caracterização do grupo em oposição às outras duas línguas faladas na comunidade: uma a nível de igualdade (o português) e a outra a ser dominada, assim como a seus falantes (o guarani).

Sendo a língua comum da comunidade o Português e estando as crianças, filhos de pais Kaiowá e mães Ofayé aprendendo em casa o Guarani e, os filhos de Ofayé aprendendo só o Português e só tardiamente entrando em contato com a língua Ofayé, é a escola o espaço social ideal para se uniformizar e existir rotineiramente o aprendizado do Ofayé expandindo assim o conhecimento da língua para toda a comunidade.

Neste sentido, o Ofayé aprendido na escola valoriza positivamente a língua do grupo Ofayé, colocando-a no mesmo patamar do aprendizado, na mesma escola, do Português descaracterizando ao menos superficialmente e só no aspecto da escolarização o Guarani.

Ao se pensar uma abordagem teórica que dê conta de estudar o Ofayé, considerando a reaproximação entre a língua o grupo social falante deve-se levar em conta as condições de representação que a língua tem do grupo social que a fala (já que o grupo é sempre o resultado de um processo interacional, implicando a reunião de todos os indivíduos que mantém relações permanentes, coesas e integradas do ponto de vista religioso, familiar, cultural e lingüístico) e, neste sentido, tanto a Antropologia quanto a Sociologia têm muito mais a dizer ao lingüista do que a sua própria ciência.

Quando os antropólogos falam em parentesco, eles estão interessados num primeiro momento em explicar os comportamentos sociais que relacionam pessoas em grupos significativos, como por exemplo de filiação, irmandade ou de casamento. Os grupos de parentesco são unidades de um sistema de “alianças” ou de consangüinidade que estabelecem vínculos entre os seres humanos.

Para entender os conflitos internos e compreender o papel exercido pelas duas lideranças (Ofayé/Guarani) naquela comunidade foi preciso aprender mais sobre o grupo.

Intrínsecamente a comunidade Ofayé admite casamentos com indivíduos de fora da comunidade (índios e não índios) que acontecem com maior frequência nos dias atuais, porém eles puderam ser detectados em gerações passadas. No levantamento feito foi possível identificar a família Ofayé como sendo patrilocal, poligínica, de descendência matrilinear com casamentos exogâmicos.

A constituição familiar permitiu o casamento de um Kaiowá com uma Ofayé descendente de um casal Ofayé de alto status dentro do grupo. É a partir deste casamento que surge uma outra liderança, a Kaiowá e aí começa a ter importância as diferenças existentes entre as duas formas sociais de organização dessas sociedades.

A importância dada pelo informante à não existência de uma palavra como sociedade, demonstra a sua preocupação com a identificação de sua comunidade perante os Kaiowá. Enquanto, entre os Kaiowá a família nuclear constitui-se como uma unidade no interior do grupo familiar extenso, composto por várias famílias nucleares interligadas através de relações de parentesco e consanguinidade, a família Ofayé constitui-se de unidades nucleares vivendo relativamente perto uma das outras com o objetivo único da caça e da pesca coletiva como falam as suas histórias de antigamente.

Embora os Ofayé e os Kaiowá ressaltem, no discurso, a importância da coesão grupal, para ambos a aliança feita impõe uma convivência diária distoante em que mais e mais a discórdia está presente camuflando as relações sociais reais que fazem com que estes dois grupos étnicos continuem a dividir o mesmo espaço. Caracterizadas por profundas diferenças históricas, culturais e lingüísticas, as relações de casamento não apagaram as tentativas de predominância de um grupo sobre o outro.

Nesta comunidade pluri ou multilingüe, na qual são visíveis os conflitos existentes entre as duas etnias que a compõe, o lingüista não pode se furtar em entender os fenômenos sociais que observa se está, por exemplo, interessado em trabalhar com a educação formal, pois é em sala de aula os conflitos lingüísticos e sociais se manifestam mais claramente.

Não entender estas diferenças é participar de uma disputa interna e acatar os ideais de identidade e reconhecimento de apenas parte da comunidade.

A exigência de se ensinar, na escola, só o Ofayé em detrimento do Guarani, como se esta língua e povo inexistissem na comunidade, implica reconhecer numa sociedade plurilíngüe um falso bilingüismo que compromete não apenas o trabalho do lingüista, compromete sobretudo a identidade dos próprios grupos étnicos que compõem aquela comunidade.

A preocupação de se entender as relações sociais existentes dentro das comunidades indígenas e desta com a sociedade não índia podem representar para a Lingüística Antropológica e/ou Etnolingüística um ganho que se refletirá tanto no trabalho descritivo das línguas autóctones quanto naqueles voltados para a educação formal indígena; e, pensar o ensino bilingüe é, no meu entender, pensar a sociedade além da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FOX, R. Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica. Lisboa. 1986.
- GUEDES, M. Producción de texto en lengua portuguesa en la escuela Ofayé - Iniêcheki. XI Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina. Las Palmas de Gran Canaria. Espanha. 1996.
- GUEDES, M. e outros Escola Ofayé e Iniêcheki. Secretaria de Estados de educação de Mato Grosso do Sul - Núcleo de Educação Escolar Indígena. 1996.
- JAKOBSON, R. Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências. Livr. Bertrand e Martins Fontes. Portugal/Brasil. 1973.
- _____. Lingüística e comunicação. Ed. Cultrix. São Paulo. 1973.
- LEACH, E. As idéias de Levi-Strauss. Mestres da Modernidade/ Cultrix. São Paulo. 1977.